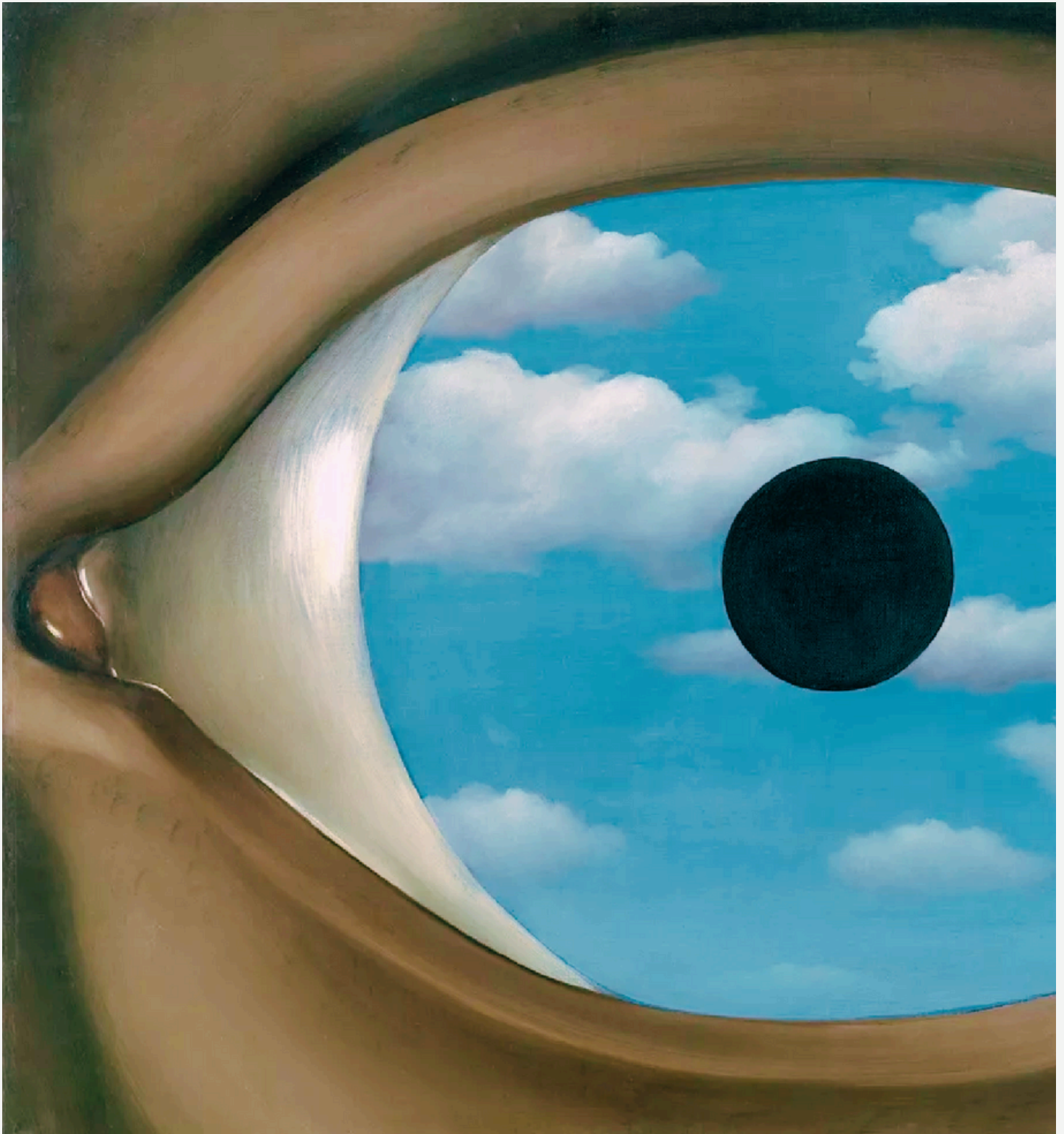




# MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 02 | FEV. 25



# Manifesto

*Altura, abertura e profundidade*

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

# OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Renato. Tenho 63 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, jiló, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



Meu nome é Ana Maria. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



# ÍNDICE

## Caminhada

**Renato Guimarães Ferreira**

**6**

## De Porta a Porta

**Paula Bessa**

**12**

## A Vida com Gatos

**Eliana Bianco**

**14**

## Cotidiano, um Caieiro

**Sérvio Túlio Prado Jr.**

**19**

## Ontem, Hoje e Sempre

**Ana Maria**

**20**

## A Hiperrepresentação do Eu no Cotidiano

**Mario Aquino**

**23**

# Caminhada

Saio toda manhã pra caminhar e encontro o mundo. Ontem encontrei um mundo menor – estava chovendo e não havia muita gente nas ruas por onde andei. Era uma chuva de molhar bobo, mas fiquei ensopado. Não sei se isso tem algum significado mais profundo.

Hoje encontrei mais gente e me lembrei de outros com os quais comumente me encontro nessas caminhadas que faço logo cedo – pessoas que saem para se exercitar ou para levar seus cães ou bebês para dar uma volta. Pessoas que estão a caminho da escola, da academia ou do trabalho ou que perambulam em busca de um caminho qualquer. Algumas estão com pressa, outros estão com tempo.

O primeiro que encontrei foi o mal-humorado de boné, bermuda e meias pretas de cano alto. Estava com seu cachorro e, mais uma vez, não me cumprimentou. Sempre que passo por ele desejo bom dia, mas raramente ouço algo de volta. Não sei se é por timidez ou por outra razão qualquer, mas ele nunca responde e parece habitar um mundo próprio, mesmo sem usar fones de ouvido. Às vezes atravessa a rua para não cruzar comigo e segue seu caminho. Se diz alguma coisa, o faz baixinho, no contratempo, a contragosto.



Ele mora no mesmo prédio de outro homem que costuma aparecer de pijamas com seu cachorro. Geralmente caminha pouco e volta rápido, talvez tenha algum outro compromisso logo cedo e precise pular algumas etapas dos rituais matinais – como tirar o pijama e colocar qualquer outra coisa. Imagino-o tomando o café da manhã de pé, comendo apressadamente uma torrada seca com a TV ligada no jornal da manhã.

Hoje a mulher japonesa e seu marido não apareceram com seus dois cães e os sacos pretos que encham de papelão no lixo deixado na porta dos prédios para reciclar. Senti falta deles, pois aparecem quase todos os dias. Fazem seu trabalho com empenho e leveza, alternando os olhares para o lixo e os cães. Ela particularmente sempre cumprimenta, com um sorriso discreto ou, se está do outro lado da rua, com um aceno contido. Gosto de encontrá-los.

Em alguns dias encontro um casal que sempre usa roupas coloridas de ginástica e traz no corpo malhado e nos passos enérgicos a marca de uma juventude em seu apogeu. Eles passam ao meu lado e uma lufada de ar fresco os acompanha no caminho para a academia. Sinto vontade de me inscrever em uma também, mas a vontade passa rápido. Atentos um ao outro, curtindo o que parece ser uma vida a dois recém-começada, muitas vezes não respondem aos meus cumprimentos. Mas quando o fazem, o fazem com alegria e animação.

Como um contraponto do ponto de vista etário, muitas vezes cruzo na mesma calçada e no mesmo dia, um senhor mais velho, de barba grisalha comprida e capacete de obra, que sempre vem com o que parece ser sua neta. É esfuziante ao cumprimentar (“Bom dia, amigo!”), acho que orgulhoso por agasalhar em seus braços a bebê que não chora, mas dorme, dorme, como se ainda estivesse em sua cama ou no colo de sua mãe. Estaria ele levando-a para a creche antes de ir para a obra? Não sei, mas assim imagino, inventando trajetórias e destinos e associando-os às pessoas que vejo.

Sempre encontro também uma mulher que mora no mesmo prédio que eu. Ela tem uma filha pequena, com 5 ou 6 anos, que um ônibus escolar apanha toda manhã para levar à escola. Em alguns dias aparece fantasiada e é uma alegria: é uma bruxa, uma fada ou uma princesa. Seja quem for, é com vontade que investe na personagem do dia. Da janela do ônibus, dá tchauzinho e manda beijos. Uma graça!

Bom mesmo é quando tenho um tempo um pouco maior e consigo ir até a casa da D. Ivone. É um pouquinho mais distante, mas sempre vale a pena. Ela é uma senhora gentil que, com muito orgulho, reivindica a autoridade de seus 91 anos de idade. Ela mora em uma casa branca com janelas verdes e um jardim cheio de roseiras e pés de hibisco. Para mim, é o jardim mais bonito da Vila Madalena, colorido e bem-cuidado, cheio de surpresas antigas – como os CDs pendurados na jabuticabeira para espantar os passarinhos ou os trapos de pano pendurados no pé de carambola. Acho que nunca tinha visto um pé de carambola antes... Sempre me lembro do jardineiro Timóteo do Monteiro Lobato que, como ela, cuidava das plantas com um amor que não se vê por aí.



Entre tantas razões para gostar dela, há uma que é particularmente importante para mim: fiquei feliz demais quando parei para conhecê-la e conversar numa manhã de sábado e ela me disse seu nome. É o mesmo nome da minha mãe, de quem ela me faz lembrar muito com seus dedos verdes. Ela me prometeu plantar um vaso com uma de suas plantas encantadas - uma folhagem com babados nas bordas. Pedi apenas para que eu leve um vaso, pois já não consegue sair para fazer isso. Preciso providenciar isso logo, antes que ela se esqueça de mim, do vaso e da planta com babado.

Há outra mulher que tem dois cachorros enormes e eu às vezes me pego pensando em como deve ver ser a sala de seu apartamento que, inclusive, fica no mesmo prédio em que eu moro. Eles são muito grandes, mas muito mesmo, e têm pelos longos. São lindos, mas devem ocupar, ao deitar no chão, metade da sala. Não deve ser fácil a convivência, mas não tenho evidências disso. Recentemente, em uma reunião de condomínio em que – como de costume em reuniões de condomínio – os ânimos ficaram bastante acirrados, defendeu com unhas e dentes o seu direito de ter cachorros do tamanho que quisesse em seu apartamento. “São muito mais quietos e cheirosos do que as crianças de vocês!” Fala firme, não é mesmo?

Todo dia, no período de aulas, encontro também os três irmãos a caminho da Escola. Há um mais velho que parece levar os outros dois, menores. Às vezes, trazem junto um cachorro pequeno. Parecem se dar bem, ainda que na maior parte do tempo passem ao meu lado em silêncio. O trio vai se movimentando pela rua, com cada um deles assumindo por vez a dianteira como se a seguir uma coreografia longamente ensaiada.

Hoje não vi o Moreno. Ele não sai para caminhar, mas sai no colo de seu pai – virado para a frente, grudado em seu peito – com os olhos muito abertos a observar tudo. Não me lembro do nome de seu pai, mas o seu eu nunca esqueci – me faz lembrar o Caetano. Já me reconhece e sorri, ecoando a simpatia de seu pai que imagino ouvindo, em tardes de domingo, “Araçá Azul” do Caetano, deitado em uma rede que trouxe da Bahia. Eu não sei nada sobre ele, mas imagino bastante. É tão bom encontrá-los.

Outro dia vi um menino com seus 12 anos no balanço do parquinho da praça que fica bem perto de casa, no caminho dos meus passos mais comuns. Não havia crianças, era muito cedo, e ele balançava com calma, se deleitando com o ar fresco da manhã e com o tempo de aula que parecia matar. Olhava de vez em quando para o relógio, mas sem ansiedade – aparentemente só por saber que havia um limite para seu atraso. Ficou enquanto pode e depois saiu em disparada, descendo a escadaria que leva à rua da Escola em atropelo. Acho que responderia “sim”, caso perguntasse a ele se tinha valido a pena.

Na mesma praça, ao lado do parquinho, mas do outro lado do mundo, há uma mulher forte que treina boxe todos os dias e pega pesado, bem pesado. Bate sem dó no seu professor que, mesmo protegido, imagino sofrendo de dor e angústia. O barulho dos golpes soa alto, assustando os pássaros que descansam nas árvores acima dela ou os cães que passam por perto e começam a latir.

Há um poema da Adélia Prado de que gosto muito. Ele diz assim:

*A vida é muito bonita,  
basta um beijo  
e a delicada engrenagem movimenta-se,  
uma necessidade cósmica nos protege.*

Ao sair para caminhar toda manhã, eu me imagino reescrevendo-o com meus passos, achando a vida muito bonita. Basta um passo e a delicada engrenagem da vida se movimenta. Sinto no corpo todo a força da necessidade cósmica que nos protege. Espero que não chova amanhã.



**Renato Guimarães Ferreira**

# De Porta a Porta

Estudei na FAAP, aqui em São Paulo. Eu tinha 18 anos, já dirigia, mas era meu pai quem me trazia toda manhã. No primeiro trecho do percurso, eu vinha sonolenta, entediada e bem brava com o hábito que ele tinha de ouvir músicas em looping. Na época, existia a função *repeat* nos “tocadores de CDs”, e aquilo era o meu pesadelo... até quando íamos para a praia, ele fazia o trajeto inteiro, de porta a porta, pelo menos duas horas de viagem, ouvindo:

*"Jurei mentiras e sigo sozinho... assumo os pecados... os ventos do Norte não movem moinhos e o que me resta é só um gemido... minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos... meu sangue latino..."*

- Eu amo essa música, mas precisa disso?
- Música boa, ouvimos assim – ele dizia.

Anos depois, quando meu pai se foi, estive em seu apartamento para organizar o necessário. Enquanto revirava a bolsa, provavelmente, toquei sem querer a tela do celular e, de repente... já na cozinha, ouvi os primeiros acordes de *Sangue Latino*. Pensei: Não pode ser. Quando peguei o celular, vi que uma das minhas playlists havia iniciado aleatoriamente. Congelei. E então caí no choro.

Naquele dia, em sua homenagem, deixei a música tocar em looping enquanto organizava tudo por ali.

O segundo trecho do meu percurso na época era a volta para casa. Eu saía da FAAP pouco antes do horário do almoço e, como tomava ônibus, caminhava até a Avenida Consolação. Algumas vezes só queria me teletransportar direto para a porta do meu quarto, mas achava o bairro tão lindo que, mesmo cansada e ainda sem muita referência dos grandes nomes da arquitetura, conseguia admirar o que via. E eu via o Louveira, de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi; o Edifício Cinderela, de Artacho Jurado; o Prudência, de Rino Levi... independentemente da rua que eu subisse, lá estavam eles, sempre lindíssimos! E então, quando o ônibus chegava, tudo mudava radicalmente: da calçada para a janela, a caminho da Rodovia Raposo Tavares.

Trinta e dois anos e três portas depois, mudei-me para o bairro. Da casa na Dionísio Pedrellini... essa da Raposo Tavares, fui para outra cujo nome da rua nem me lembro. Depois, para a Rua dos Três Irmãos, onde moramos com nossos três filhos, Pedro, João e Antônio. Seguimos para a Dom Paulo Pedrosa, onde ficamos por mais de 15 anos, e agora estamos na Veiga Filho.

Sérvio diz que não sairemos daqui sem um bom motivo e que, provavelmente, receberemos nossos netos e bisnetos neste apartamento, como os primeiros donos fizeram um dia... ele também brinca comigo quando percebe que ando convencendo as pessoas a se mudarem para o bairro. Fiz campanha para a Márcia vir, e ela veio. Agora, minha nova missão é a Renata — até criei uma hashtag que uso no final das nossas conversas: #vempraca. No próximo fim de semana, combinamos de passear pelo bairro... e entre Artigas, Angélica, Artacho, Veridiana, Levi e Maria Antônia, tenho certeza de que encontraremos uma nova porta.

**Paula Bessa**



# A Vida com Gatos

Quem tem gato sabe: eles não falam, mas também, pra quê? Sabem se comunicar perfeitamente sem as palavras. Seja no olhar, num jeito de sentar, de levantar as orelhas ou de abanar o rabo. O miado, na verdade, é o último recurso.

Aqui em casa temos três: Sírius Black, Belatrix e Minerva - Sim, tínhamos uma filha adolescente apaixonada por Harry Potter quando eles foram adotados.

Estão já idosos para padrões felinos. Dois foram resgatados das ruas, então não sabemos exatamente a idade, mas os veterinários estimam que tenham cerca 13 anos, o que significa que em idade felina já passaram dos 60 e são mais velhos que seus tutores. Alguns comportamentos e manias de velhice já começaram a aparecer: uns pelos brancos (mais visíveis no gato preto Sírius, do que na malhada Belatrix) uns miados de reclamação sem motivo aparente, longas sonecas e menos brincadeiras, além de uma certa seletividade com as visitas...

A terceira sabemos bem quando e onde nasceu. A mãe era uma Ragdoll do gatil de uma amiga, o pai, um vira-latas esportíssimo que rondava o condomínio. Resultado? Uma gata sem pedigree, mas com ares de realeza... Aí a tentação de ter um “quase” ragdoll, mas tão lindo quanto, aliada ao famoso argumento dos apaixonados por gatos que é:



“Dessa cor ainda não tenho”, somadas à insistência da filha e pais totalmente rendidos diante daquela fofura em forma de pelos e olhos azuis... terminou com a adoção da Minerva, assim batizada por sua inteligência e estratégia de nos fazer sucumbir. Nasceu dia 02 de fevereiro de 2015. Acabou, então, de completar 10 aninhos, que equivalem a 56 anos humanos, ou seja, hoje tem a mesma idade do seus tutores...

Não tenho como falar do meu cotidiano sem mencioná-los.

Se me demoro na cama, Sírius me acorda com seus miados. Se demoro um pouco mais ele acorda todo o condomínio tentando colocar a porta do quarto abaixo. Uma vez fora da cama, minha primeira tarefa é colocar-lhes comida (mesmo que seus potes ainda estejam cheios do dia anterior - a comida de ontem não tem cheiro nem gosto, eles não querem mais). Limpo as caixas de areia e abasteco seus bebedouros. Só então tenho condições de pensar no nosso café da manhã sem o perigo de tropeçar em nenhum gato resmungando pelo caminho.

Fazer a cama é outra tarefa quase hercúlea. Há anos desisti de ter uma cama bem feita. Entre um gato embaixo do lençol, outro puxando as pontas e um terceiro deitado em cima, aprendi que a colcha sai como der. E tá ótimo assim.

Tomar banho sozinha, nunca mais. Tenho sempre uma plateia felina do outro lado do box. Aliás, tem até uma citação popular que diz: Que saber se tem algum gato na casa? Vá ao banheiro e deixe a porta aberta...

Hora de trabalhar. Se for no computador, sempre tem um gato passeando sobre o teclado, mordendo a tela do laptop, tentando pegar o ponteiro do mouse, passando na frente da tela.

Reuniões em zoom ou videochamadas sempre têm a presença deles. E, se por acaso eles não aparecem, já nos perguntam: "Ué, cadê os gatos? Não vieram ajudar hoje?"

Se o trabalho for desenhar ou pintar, um deles sempre fica a postos esperando cair um pincel ou lápis no chão para pegar e destruir. Levantar da mesa por alguns instantes é ter a certeza de que, na volta, meu trabalho estará cheio de marcas de tinta em forma de patinhas. Poderia eu chamar de coautoria, talvez?

Hora de preparar o almoço. Ao abrir a geladeira, imediatamente se materializam três gatos nos meus pés. Primeiro o sachê deles, do contrário certamente eu tropeçarei em algum gato enquanto tento cozinhar.

Aí vem a hora do soninho. Barriguinha cheia, cada um tem seu lugar preferido na casa para tirar uma soneca. Eles tem jeitos diferentes de dormir. O macho tem sono leve. Está sempre atento a qualquer barulho. Não que atenda. Apenas move alguns dos trinta e dois músculos da orelha para tentar descobrir se precisa ou não despertar. Belatrix dorme esparramada. Não gosta de claridade e coloca a patinha sobre os olhos para fazer escurinho. E Minerva dorme tão gostoso e se aninha tão bem que é muito difícil resistir à tentação de acompanhá-la.

A nossa hora de leitura é a preferida deles. Pegamos um livro e vem junto um gato. Eles entendem que o livro nos fará ficar sentados por um bom tempo e isso significa colo sossegado. Claro que primeiro eles tentam dormir em cima do livro. Mas depois se contentam com a ideia do colo, onde invariavelmente acabam ganhando um cafuné...

À noite, quando tudo parece tranquilo, começa a corrida maluca. Subidas, descidas, corridas de pega-pega. Brincam de brigar ou brigam mesmo - tem horas que não consigo distinguir. De repente um salto olímpico do sofá para o balcão da cozinha e de lá para cima da geladeira. Em dois pulos ele (sempre ele, o Sírius) percorre metade do apartamento. O pior é que, agora que está mais velho, começou a ter medo de descer sozinho. Fica miando, pedindo socorro para ser resgatado de lá de cima.

Sim, eles dão trabalho. E não é pouco, não.

Mas também são uma das principais fontes de alegria da casa. Tanto que criamos um grupo de WhatsApp na família só para trocar fotos de gatos. Minha filha tem os dela: Fabinho e o Juliano e o grupo é uma verdadeira competição por quem consegue a melhor foto.

São fontes de alegria e de muito mais.

Tem alguém doente na casa? Com certeza os gatos estarão do seu lado, fazendo companhia. Sem condições de levantar? Sem problemas. Eles seriam capaz de passar dias deitados junto com você.

Chegou agitado do trabalho? Eles irão recebê-lo à porta e farão de tudo para que vc se sente. Então, deitarão no seu colo, e com a famosa técnica de “amassar pãozinho” vão garantir que você se acalme e relaxe.

Seu dia está monótono? Experimente jogar uma bolinha de papel no chão da sala ou ligar uma ponteira de laser. Com certeza muitas risadas estarão garantidas.

Recebendo visitas? Eles as recepcionam à porta e já viram o assunto, ajudando a “quebrar o gelo” das primeiras conversas. Olha só...

Não há monotonia na vida com gatos. A vida sem eles seria bem menos divertida. E nossos trio de idosos fazem valer cada minuto ao lado deles. Mesmo que não nos digam nada, nós nos comunicamos sim, e muito!!

**Eliana Bianco**



# Cotidiano, um Caieiro\*

Não me cabe dizer do que eu veja,  
se me diz ou não alguma coisa.  
Já que grita e fere e não repousa,  
o ego que me cega e desnorteia.

Grita e fere, e corta e incendeia,  
E a ninguém permite que se ouça,  
reza vazia, máquina oca  
sem parte ou lado no que eu seja.

Não digo nada, eu silencio  
Para não saber do que me serve  
isso, aquilo ou coisa alguma.

Para sentir então como quem olha  
e pensar assim como quem anda.  
Eu trinco em mim a terra toda.

\*Texto inspirado no Poema XXI de Alberto Caieiro. In Poética - Fernando Pessoa, Ficções do Interlúdio/ Obras Completas de Alberto Caieiro, O Guardador de Rebanhos - "Poema XXI", pg. 216 . Ed. Nova Aguillar S.A., Rio de Janeiro, 1986.

**Sérvio Túlio Prado Jr.**



# Ontem, Hoje e Sempre

O cotidiano em 2025, no verão do hemisfério sul, está sendo considerado uma antessala do inferno (e não do inverno, o que já é dado pelo movimento da Terra em torno do Sol). E na verdade algumas das formas atuais de mitigar o calor – surpresa – também são ofensoras do clima, criando um círculo bem vicioso.

Além de tudo, Chico Buarque já dizia em 1971, na letra de Cotidiano, descontando o fato de que se trata do retrato de uma classe trabalhadora, que “todo dia ela faz tudo sempre igual”. Claro que 1971 foi há mais de 50 anos, ainda não tinha havido (aliás não houve) o bug do milênio, nem a pandemia, nem o final do regime militar, mas certamente já havia cotidianos, diferentes dos nossos em que já se acorda buscando eventuais mensagens nos aparelhinhos nos quais nos viciamos. E já se vão dois vícios em dois parágrafos.

Enfim, em uma quinta feira de fevereiro consegui ir, diferente do que acontece em quase todas as quintas-feiras, a uma feira livre perto de casa. Esta feira, viva o Chico Buarque, é a mesma que minha mãe frequentava desde há muito tempo, fazendo tudo sempre igual às quintas feiras. E possivelmente o dono da barraca de flores, se não é o mesmo, é da família. Naquela época, tanto tempo antes dos caixas eletrônicos, a barraca da feira podia até servir de banco, onde se podia trocar cheque por dinheiro (em papel, nem pix nem cripto), com base da já pouco disponível confiança. Como mudaram as coisas, hoje há no mundo até quem não conheça dinheiro em papel....que cotidiano que nada.



Mas lá fui eu à feira, naquele calor realmente infernal, num dia diferente do meu cotidiano. Escolhi flores para alegrar a minha casa e a mulher do dono da barraca me recomendou colocar água diariamente. Neste caso, gelada, para alegrar as flores. Aí pensei que as pobrezinhas, quando estão na terra, nesta época do ano, exceto quando em Sampa, nos momentos de chuva intensa quando por vezes até granizo cai, nem se lembram da possibilidade de gelo. Se por um lado assumo que as plantas têm memória (o que já é aventado na literatura não técnica, por Mancuso, no livro a revolução das plantas), às vezes até melhor que a minha (isso pode ser fantasia ou saudades da minha boa memória de um tempo atrás), por outro fico pensando quais as consequências de acostumar as flores cortadas com pedacinhos de gelo. Será que isso as compensaria por terem sido tiradas da terra? Talvez lhes desse um prazer que justificasse para elas o seu sacrifício? E aqui, mesmo que implícito, mais uma referência ao vício.

Comecei a pensar em diferenças entre cotidianos de gente como eu (o que será isso, gente como eu?), em 2025 e nos idos de 1970/1980. Por exemplo, até 2024 eu ainda não tinha o tão utilizado pix, para pasmo de quase todos os que convivem comigo, independente da idade. Finalmente, há um mês, quase cheguei à modernidade. E para mostrar como eu sou resistente (ou seja, só quase), o meu relógio serve para mostrar que horas são. Ele não me conta o número de meus batimentos cardíacos, nem minha pressão arterial nem minha frequência respiratória. Para saber quantos passos/km eu caminho por dia dependo do celular (sim, celular eu uso e apesar de ser um telefone praticamente não uso sua função fone). Assisti uma colega minha que teve um problema cardíaco se comunicar com seu médico por um traçado de eletrocardiograma feito pelo smartwatch. Na verdade, também resisti ao smartphone pois, embora eu saiba usar os termos em inglês, ainda tento me convencer de que eu ainda deveria ser mais Smart que a máquina (qualquer que seja ela). Será que estou me

defendendo contra o vício na tecnologia ou só tentando me convencer de que posso ser assim e continuar viável?

Pelo que eu entendo, de minha parte, isso é pensamento mágico, ou seja, claramente a máquina é (prefiro pensar pode ser) mais inteligente. Como pensamento mágico após determinada idade é um sinal a ser buscado no diagnóstico psicológico talvez isso mostre que eu quero permanecer no mundo antigo. Não é que, como Peter Pan, eu queira me manter criança ou adolescente; na verdade, talvez o cotidiano da modernidade me assuste. Considerando que o Admirável Mundo Novo de Huxley é de 1932 ( e que seu nome original é Brave New World) talvez eu esteja realmente nostálgica. Por outro lado, o mesmo título serviu para um disco (!!!) da banda Iron Maiden, mais recente, de 2000.

Afinal, pensando no cotidiano, resta-me citar Machado de Assis, mudaria o Natal ou mudei eu? Porque no fundo, todo dia fazemos tudo muito parecido, continuamos com sorrisos pontuais e com bocas de hortelã.

**Ana Maria**



# A Hiperrepresentação do Eu no Cotidiano

*"On the verge of a breakdown  
What is life without love?  
It's hell, Computer Blue!"*  
Prince

O despertador toca e, antes mesmo de abrir os olhos por completo, a primeira encenação do dia começa. Ainda deitado, uma rápida entrada no Facebook – que hoje só serve mesmo para lembrar aniversários. Aliás, é um espetáculo mórbido ver pessoas desejando feliz aniversário para “amigos” que já faleceram. Mas, quem se importa? No escuro do quarto, o polegar desliza pela tela do celular, abrindo o Instagram. Por que diabos aparecem stories da Alessandra Negrini? Não que eu vá reclamar, mas não me lembro de tê-la seguido e, com certeza, ela não me segue. Um rápido rolar de stories revela que já há muito acontecendo – colegas na academia às cinco da manhã, influencers testando o novo café de cogumelos, amigos sorrindo para um sol que ainda nem nasceu para quem vive em outro fuso. É preciso dar uma resposta ao mundo. Uma selfie matinal? Não. Talvez uma foto do café com um livro ao lado, para sustentar a persona do intelectual engajado. Algum livro da Annie Ernaux ou da Hang Kang. “Mala Cadeira”? Nem pensar! Posta-se. A cena se encerra.

Antes mesmo de sair da cama, o WhatsApp interrompe: uma mensagem do chefe, cobrando uma pendência. A resposta precisa ser ágil, direta, sem margem para dúvidas. Logo depois, o grupo da faculdade desperta com uma enxurrada de memes. Entre risadas contidas, surge a mensagem inoportuna: um colega sem noção manda um vídeo NSFW que ninguém pediu. Ignorar ou responder com indignação? Melhor só apagar.

No caminho para o trabalho, é a vez do LinkedIn. Aqui, o tom é outro. Nada de devaneios estéticos ou reflexões despretensiosas. A performance agora exige profissionalismo e inspiração corporativa. Um *repost* de um artigo sobre inteligência artificial? Um insight sobre liderança empática? Opta-se por um pequeno texto sobre resiliência, estrategicamente posicionado para atrair curtidas e comentários de recrutadores invisíveis. O dia está apenas começando, mas o espetáculo já é exaustivo.

Entre e-mails e reuniões, um deslize no Twitter (não vou ceder ao Kiko dos Foguetes e usar o novo nome), o esgoto mais fétido da esfera pública. Aqui, é necessário ter estômago e sobreviver. Tudo em nome da ciência. Uma resposta espirituosa a uma *thread viral*? Uma posição firme sobre um escândalo político? Aqui não! Melhor o anonimato e o mutismo. O circo romano se satisfaz. Como alternativa, migrei para o Bluesky, onde a bolha autorreferente do politicamente correto me dá um respiro, mas também me deixa com a incômoda sensação de estar ensaiando discursos para um auditório que já concorda comigo.

Uma nova interrupção do WhatsApp: um áudio de três minutos do chefe, exigindo uma reformulação do relatório. Não há tempo para ouvi-lo inteiro, então responde-se com um "vou ver isso já" e um emoji neutro. No grupo da família, uma sequência de "bom dia" com imagens brilhantes de flores e mensagens motivacionais. No grupo dos amigos, um debate inflamado

sobre um episódio de uma série recém-lançada. Cada notificação, uma pausa na performance profissional, um desvio para outro palco.

Antes do almoço, mais uma performance: um post no Gymrats mostrando o sofrimento no Pilates. Maldigo silenciosamente o maldito inventor da técnica - provavelmente um siderado praticante de BDSM -, mas mantenho o sorriso de Gioconda. Afinal, é preciso parecer resiliente! Quem vê Gymrats não vê hemograma e radiografia! O almoço é acompanhado pelo TikTok.

Nada se posta, mas a mente se perde em microperformances alheias. Desafios de dança, dicas de produtividade, cozinheiros carismáticos preparando receitas em segundos. Uma avalanche de identidades condensadas em cliques de quinze segundos. O cansaço se instala, mas o show deve continuar.

No fim da tarde, uma enxurrada de notificações no WhatsApp. O escândalo do dia: um colega resolveu tecer loas a um líder fascista no grupo, apagou a postagem minutos depois. Tarde demais! O print é eterno! E agora a discussão é sobre liberdade de expressão, cancelamento e os limites do “foi sem querer”. Eu já ia tentar exercer a minha erudição e mandar o Dworkin catar coquinhos, mas o chefe pergunta sobre o relatório novamente. O colega sem noção reaparece com outro vídeo inadequado. O grupo da faculdade convida para um *happy hour* que ninguém sabe se vai acontecer. Cada resposta uma mudança de personagem, um ajuste de tom, um controle preciso da impressão que se quer causar.

Ao anoitecer, o ciclo recomeça. No Instagram, uma foto do jantar bem iluminado – natural, *ma non troppo*. No LinkedIn, um agradecimento genérico pelo aprendizado do dia. No Bluesky, um comentário sarcástico

sobre a fadiga digital. No WhatsApp, uma mensagem de boa noite para diferentes destinatários, cada uma ajustada ao público específico.

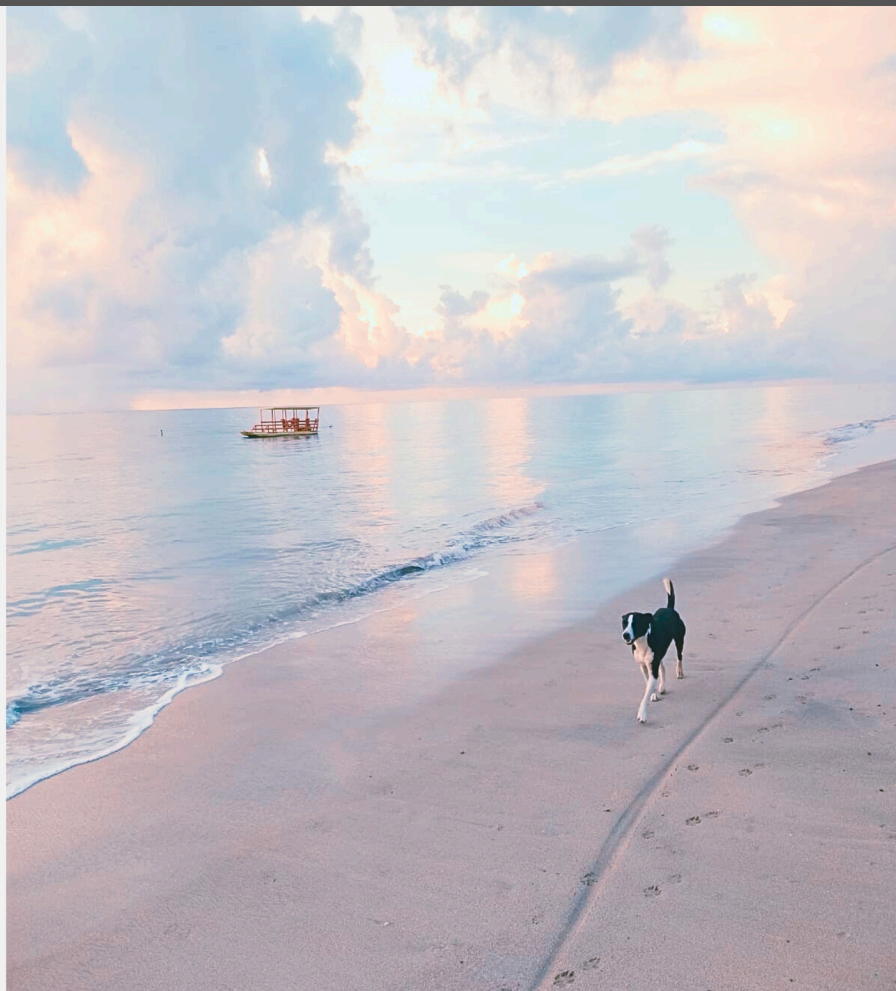
Quando finalmente a luz do celular se apaga, o palco se fecha, mas a sensação não é de descanso. É de dissolução. Fragmentado entre múltiplas personas, o eu que deveria habitar o cotidiano se encontra espalhado entre notificações, posts e mensagens não lidas. O espetáculo foi impecável, mas quem, afinal, era o ator principal?

**Mario Aquino**





INSCREVA-SE E RECEBA AS PROXIMAS EDIÇÕES



MAGNETICA

